

“NEM TUDO SÃO FLORES”: DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE ESPÉCIES BOTÂNICAS DO CAMPUS CAPÃO DO LEÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

LUIZA OLIVEIRA PIEGAS¹; RAQUEL LÜDTKE²

¹*Universidade Federal de Pelotas – luizaoliveirapiegas@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – raquelludtke28@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A divulgação científica desempenha papel essencial na aproximação da produção acadêmica com a sociedade, democratizando o acesso ao conhecimento e estimulando a alfabetização científica (GALVÃO *et al.*, 2022). Nesse contexto, as redes sociais têm se consolidado como ferramentas estratégicas, sobretudo após a pandemia de Sars-Cov-2, devido à facilidade de acesso e ao potencial de engajamento do público (FRANCISCO-JUNIOR *et al.*, 2024).

No campo da Botânica, a divulgação assume relevância ainda maior diante da chamada “invisibilidade botânica”, fenômeno caracterizado pela dificuldade em reconhecer a importância das plantas no cotidiano (WANDERSEE; SCHUSSLER, 2001; URSI *et al.*, 2018). Diversos estudos indicam que atividades de extensão e projetos de popularização da ciência despertam maior interesse e motivação de estudantes e da comunidade em relação às plantas (SALATINO; BUCKERIDGE, 2016; GUARINO; LAGE, 2023).

Iniciativas recentes demonstram a eficácia das redes sociais como instrumentos de divulgação científica. O uso do Instagram para divulgar espécies vegetais mostrou-se eficiente na aproximação do público geral com temas relacionados à flora (VIEIRA *et al.*, 2025). Outro estudo de caso, realizado com o perfil de um Herbário, utilizou *Reels* no Instagram para promover projetos de ciência e alcançou elevados índices de visualizações, curtidas e comentários, evidenciando o potencial dos vídeos curtos e dinâmicos na mobilização e interesse do público (RIELLA *et al.*, 2023). Além disso, uma avaliação de perfis de Biologia na plataforma revelou que postagens contextualizadas com a realidade do público-alvo reforçam o aprendizado, confirmando a relevância desses materiais para o ensino de Ciências (FARIAS; RIBEIRO, 2024).

Sendo assim, este estudo tem como objetivo apresentar e discutir a experiência do projeto de extensão “Nem Tudo São Flores”.

2. METODOLOGIA

O projeto “Nem Tudo São Flores” foi desenvolvido de forma concomitante à pesquisa que realizou o levantamento de espécies da ordem Solanales no campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas. A proposta consistiu em elaborar vídeos curtos para o Instagram, destinados à divulgação científica de espécies da flora encontradas nas áreas do campus em questão.

A primeira etapa consistiu em realizar uma revisão bibliográfica sobre a espécie-tema de cada vídeo, reunindo informações sobre taxonomia, morfologia, ecologia, importância, usos e curiosidades com base em materiais científicos. Parte dessas informações foi selecionada para compor os roteiros, redigidos em linguagem acessível e com extensão média de 300 a 600 palavras. Concluída a

etapa de roteirização, iniciava-se a gravação dos vídeos, realizada tanto em áreas do campus quanto em diferentes locais da cidade de Pelotas, RS.

Para complementar as cenas gravadas, foi contratado um plano de assinatura da plataforma Vecteezy, uma biblioteca de vetores, fotos e vídeos, com o intuito de acessar recursos pagos e incorporá-los às produções. Por fim, os vídeos foram editados com o programa Capcut e publicados na conta do Instagram @nemtudosaofloresufpel.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Atualmente, o perfil no Instagram @nemtudosaofloresufpel reúne 125 seguidores e três publicações no *Feed*, conforme indicado na Figura 1.



Figura 1 – Perfil no Instagram do projeto “Nem Tudo São Flores”.

O primeiro material, sobre a relação histórica entre plantas e sociedades humanas e a espécie *Ipomoea cairica* (L.) Sweet, foi publicado em 31 de março de 2023, com 4min39s de duração. O conteúdo alcançou 937 visualizações, 61 curtidas, 31 comentários e 4 salvamentos (Figura 2).



Figura 2 – Métricas do Instagram para o primeiro vídeo.

A segunda publicação, dedicada à espécie *Brugmansia suaveolens* (Willd.) Sweet, foi ao ar em 1º de maio de 2023, com 4min13s. Este conteúdo obteve o

maior alcance até o momento, registrando 2,3 mil visualizações, 98 curtidas, 29 comentários e 4 salvamentos, o que demonstra aumento expressivo de engajamento em relação ao anterior (Figura 3).



SEGUNDO VÍDEO DA PÁGINA NO AR!!! 😊😊

1 de maio de 2023 · Duração 4:13



Figura 3 – Métricas do Instagram para o segundo vídeo.

Antes do terceiro lançamento, foi realizada uma enquete nos *Stories* para que os seguidores escolhessem a categoria da próxima espécie entre “ornamental, medicinal ou alimentícia”. A opção “alimentícia” recebeu a maioria dos votos, levando à escolha de *Physalis peruviana* L. como tema. Publicado em 10 de junho de 2023, com 2min50s, o vídeo alcançou 1,6 mil visualizações, 84 curtidas, 37 comentários e 4 salvamentos, destacando-se não apenas pelo bom alcance, mas também pelo elevado número de interações nos comentários (Figura 4).



A planta alimentícia que vocês queriam ver ESTÁ...

10 de junho de 2023 · Duração 2:50



Figura 4 – Métricas do Instagram para o terceiro vídeo.

A análise qualitativa desses retornos reforça o impacto social da iniciativa. Segundo comentários deixados na página, os seguidores valorizaram a clareza das informações e a qualidade técnica das produções. Também se ressaltou a importância de ações conduzidas por mulheres na ciência e a valorização da pesquisa local. Além disso, houve interação com públicos de diferentes regiões do Brasil: uma seguidora do Amazonas relatou conhecer *Physalis peruviana* pelo nome popular “canapum” (Figura 5), exemplificando a integração entre saberes científicos e contextos culturais diversos.

ribeirotereza230 115 sem · ❤ pelo autor
Eu já conhecia, já comi muito, mas aqui no interior do Amazonas nós conhecemos ela por canapum
Responder

nemtudosaofloresufpel 115 sem - Autor
@ribeirotereza230 Que bacana!!! 😍
Acredito que o canapum na verdade é o nome popular utilizado para outra espécie desse mesmo gênero Physalis, porém o frutinho tem o mesmo sabor e aparência do Physalis peruviana 😊
Responder

ribeirotereza230 115 sem · ❤ pelo autor
@nemtudosaofloresufpel sim, com certeza
Responder

Figura 5 – Interação com seguidora nos comentários do terceiro vídeo.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto “Nem Tudo São Flores” evidenciou o potencial das redes sociais na popularização científica e na valorização da flora local. A ação ajudou a enfrentar a “Invisibilidade Botânica” ao aproximar academia e sociedade com conteúdos acessíveis. Os resultados mostraram que o perfil se firmou como espaço de diálogo e interação, reafirmando o papel da universidade em democratizar a ciência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, J. R. S.; RIBEIRO, R. R. Divulgação científica em perfis de Biologia no Instagram: uma análise do engajamento e do aprendizado. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Tecnologia**, Curitiba, v. 17, n. 2, p. 1-20, 2024.
- FRANCISCO-JUNIOR, W. R. et al. Redes sociais digitais como ferramentas de ensino e extensão no pós-pandemia. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 59, p. 112-128, 2024.
- GALVÃO, F. C. F. et al. Popularização da ciência e redes sociais: uma análise da comunicação científica em ambientes digitais. **Revista Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, e22044, 2022.
- GUARINO, E. S. G.; LAGE, A. C. C. A popularização da Botânica e a invisibilidade das plantas: reflexões a partir de práticas extensionistas. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 44-61, 2023.
- RIELLA, M. M. et al. Divulgação científica no Instagram: o uso de vídeos curtos para promover a ciência em herbários. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 12, n. 24, p. 123-140, 2023.
- SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. S. Que mal tem a Botânica? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 177-196, 2016.
- URS I, S.; KINOSHITA, L. S.; BUCKERIDGE, M. S. Invisibilidade botânica: percepção e ensino das plantas. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 1-19, 2018.
- VIEIRA, A. S. et al. O Instagram como ferramenta de ensino e divulgação da Botânica: percepções e práticas. **Revista Científica de Divulgação em Biologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 66-78, 2025.
- WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, St. Louis, v. 47, n. 1, p. 2-9, 2001.